

Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares, *Fantástico brasileiro – o insólito literário do romantismo ao fantasismo*, Arte & Letra, Curitiba, 2018. ISBN 978-85-60499-94-6.

Fantástico brasileiro é obra que nasce com a promessa de tornar-se referência didática em cursos de Letras em universidades brasileiras e material de consulta para quem se dedica ao tema internacionalmente. Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares apresentam levantamento impressionante de obras desde o século XIX até os dias de hoje e organizam um caudaloso número de vozes ora em forma de resgate de obras esquecidas ora na contribuição com olhares analíticos.

Para dar conta de um objeto tão extenso e diverso —um universo com mais de 700 nomes, entre autores e críticos, e mais de 400 obras em três séculos— o termo-conceito *fantástico* do título foi tratado de uma maneira ampla para que desse conta de abranger diferentes manifestações literárias, muitas até então recepcionadas em outros marcos.

Longe de faltar precisão teórica, os dois autores explicitam a conceitualização «guarda-chuva» que dá o ponto de partida para seleção das obras compiladas: «importa dizer que o insólito, o fantástico e as diversas categorias sobre as quais este trabalho se debruçará, serão vistos antes como possíveis *modos de narrar* do que como *gênero literário*, a partir da ideia pro-

posta pelo teórico italiano Ceserani» (grifos no original, p. 20).

Nesta resenha, para maior clareza diante das diretrizes da revista *Brumal*, com exceção dos trechos de citação aos autores, utilizar-se-á o vocábulo *fantástico* sempre dentro de uma ideia de confrontação problemática entre o real e o impossível, excluindo-se outras formas textuais como a ficção científica, o maravilhoso ou o *fantasy*.

A pesquisa de Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares, respectivamente doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professor na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), foi inicialmente estruturada para a exposição itinerante *Fantástico brasileiro: o insólito literário do Romantismo à contemporaneidade*. A mostra esteve em cartaz nas Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR) e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), entre outros locais, a partir de 2017. Após essa itinerância, que segue ainda em marcha, decidiram aprofundar a pesquisa no tema, ampliar o escopo do levantamento e publicar uma obra de caráter enciclopédico, acessível tanto para curiosos quanto a pesquisadores.

Assim, abrem o livro *Fantástico brasileiro* as dedicatórias feitas aos teóricos Tzvetan Todorov, Remo Ceserani e ainda ao autor contemporâneo Max Mallmann, falecido em 2016. Desses oferecimentos, verificam-se posicionamentos teóricos dos dois autores: um tratamento memorialístico e afetuoso com o objeto de estudo.

Após, segue-se o prefácio de Flavio García (UERJ), responsável por situar a pesquisa e descrever a obra. O acadêmico aproveita para contestar alguns dos usos de termos-conceitos (pp. 14-15). Essa liberdade da contestação em um prefácio é um bom retrato da franqueza de diálogo, um exemplo do espírito aberto do livro, característica que permitiu desbravar com sucesso um objeto tão complexo.

É no «Prólogo», então, em que são feitas as contextualizações teóricas a partir de Ceserani e Todorov, além de analisar questões de Flavio García, H. P. Lovecraft e Roberto Causo, e explicita-se o objetivo do livro:

Tendo em vista tal horizonte teórico, este livro pretende apresentar um panorama da produção literária fantástica brasileira, através de capítulos descritivos e ilustrados, mostrando desde as raízes da literatura insólita no romantismo brasileiro, durante os primeiros anos da monarquia, até as manifestações atuais, contemplando os diferentes estilos e suas variadas audiências, naquilo entendido como uma nova tendência estética, o Movimento Fantástico. Este reuniria escritores dedicados exclusiva ou majoritariamente à produção de literatura fantástica, com ênfase

nas subcategorias da fantasia, mesmo quando em diálogo com outras vertentes. Trata-se, portanto, de uma obra de caráter historiográfico, na qual destacamos o momento e o lugar de produção de cada obra, bem como o modo narrativo, o estilo e a estética adotados em sua produção (p. 21).

Destaca-se uma vez mais o ponto de vista afetivo dos dois autores e a tomada de posição por uma literatura que também entretenha, comova, deleite. Do contrário, perguntam, por que alguém a leria?

O primeiro capítulo «Os fantasmas do romantismo» inaugura, então, o texto analítico do livro, dividido nas partes «O longo século XIX», «O multifacetado século XX» e «Os mundos insólitos do século XXI». Recuperando obras relegadas a segundo plano na tradição literária brasileira, Matangrano e Enéias apresentam nomes como o romântico carioca Justiniano José da Rocha (1812-1863), autor provavelmente da primeira narrativa fantástica brasileira, e o naturalista pernambucano Joaquim Maria Carneiro Vilela (1846-1913). Para facilitar a leitura e pesquisas futuras, inserem pequenos resumos da trama a exemplo do seguinte trecho sobre conto de Justiniano José da Rocha:

Seu conto «Um Sonho», publicado em 1838 no jornal *O Cronista*, traz a história de Maria e sua neta Teodora que nunca soube nada a respeito dos pais, até que, no leito de morte, a avó conta suas origens: Teodora era filha de Tereza, que fugiu da casa materna e seguiu uma vida de excesso e devassidão. Pouco

antes de morrer, encontra Maria e entrega a pequena filha à avó. Alguns anos se passam e a jovem se deixa corromper. Fraca e tuberculosa, é acometida pelo remorso. Então, o fantasma de Tereza aparece e lhe diz: «Não quiseste seguir os conselhos de tua avó, preferiste o exemplo de tua mãe: pois bem! (...) daqui a três dias estarás comigo... no inferno» (p. 29).

Na recuperação de nomes e memórias, é feito o esforço em nomear mulheres e pessoas negras, um exercício democrático pela diversidade, a exemplo das ficcionistas Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e Emília Freitas (1855-1908) presentes no capítulo «O sobrenatural entre o *Fin de Siècle* e a *Belle Époque*» ou mesmo Lima Barreto (1881-1922) em «Naturalistas e realistas nos limites do insólito». Esse exercício pela inclusão da diversidade possui sintonia com outras iniciativas benfazejas do meio editorial brasileiro recentemente —como a publicação do romance «Úrsula» da afrobrasileira maranhense Maria Firmina dos Reis na coleção Penguin & Companhia das Letras e a homenagem à Lima Barreto feita pela Festa Literária Internacional de Paraty em 2017.

O livro não deixa de analisar nomes conhecidas do cânone nacional. Álvares de Azevedo (1831-1852), Machado de Assis (1839-1908) e João Guimarães Rosa (1908-1967), entre outros autores clássicos, possuem a produção fantástica revisitada por Matangrano e Tavares. De Álvares de Azevedo são destacados a filiação à obra byroniana e a «atmosfera gó-

tica de terror, mistério e sonho» (p. 29). De Machado de Assis, decidiram resumir os contos «A igreja do Diabo», «Uma visita de Alcebíades» e «A segunda vida». Segundo os dois autores, a obra machadiana teria antecipado Franz Kafka ao trabalhar com «textos alegóricos, satíricos, de horror, e até absurdos» (p. 41) e trazido inovações em voga na Europa sob a pena de Guy de Maupassant e Robert Louis Stevenson, até incluindo temas associados ao espiritismo e ao exotismo orientalista (p. 43). De Guimarães Rosa, destacam títulos menos conhecidos, «O mistério de Highmore Hall», «Makiné» e «Kronos kai Anagne», que embora possam não ser classificados dentro de uma conceitualização de fantástico estrita, certamente interessa aos estudos rosianos. Detida é análise que dedicam ao «Um moço muito branco», incluído no livro *Primeiras Estórias*, cuja trama aborda, a partir de uma personagem branca como leite ou papel, a condição suprema de estrangeiro.

Em esforço encyclopédico, organizam a produção de nomes que marcam a produção do século xx, a exemplo de Lygia Fagundes Telles (1923) e Moacyr Scliar (1937-2011) no capítulo «Narrativas absurdas em torno do Realismo Maravilhoso» (p. 111). Enfrentam a produção do século xxi com igual tenacidade, trazendo nomes como Antônio Xerxenesky (1984), Conceição Evaristo (1946), Joca Terron (1968), Socorro Accioli (1975), entre outros. No capítulo «Do horror cult ao insólito cotidiano», ressaltam a recorrência de obras fantásticas com alto teor experimen-

tal no que se refere à linguagem e à narrativa, tangenciando a tendência contemporânea da autoficção:

Nessas obras, nota-se igualmente o apagamento dos monstros tradicionais, em benefício de elementos sobrenaturais mais sutis, cuja existência por vezes pode ser contestada. São também marcados pela forte presença do cotidiano. Nelas, em geral, não somos levados a lugares exóticos ou inóspitos, mas, sim, ao espaço doméstico e urbano, onde supostamente reside a segurança. A exploração da temática cotidiana será comentada, em um segundo momento, quando o absurdo — herdeiro do realismo marmorilhoso do século XX — infiltra-se na rotina das personagens, criando obras, que, sem serem de horror ou terror, ainda assim causam desconforto por sua estranheza (p. 157).

O epílogo, «Fantasismo: um novo movimento literário?», traz a verve provocativa dos dois autores. Terminada a recapitulação exaustiva de obras em três séculos, passam a apresentar uma teoria bastante inovadora que certamente merecerá mais análises e críticas. Apostam no *fantasismo*: «O fantasismo é um novo movimento literário cuja origem parece coincidir com o novo século, mas, sobretudo, a partir de 2010, quando o mercado de literatura fantástica brasileira começa a se estruturar de fato». Salientando que, diferente do que se ensina nas escolas brasileiras, «os movimentos literários não seriam propostos *a posteriori* pela crítica especializada. Antes disso, trata-se de agremiações de es-

critores e editores, ou simplesmente de grupos de amigos, que, reunidos, levantam uma bandeira em torno de um ideal estético e passam a defendê-lo» (p. 262).

A partir de fatos, trazendo uma série de dados de publicações e eventos literários, Matangrano e Tavares esmiúçam o fortalecimento recente dessas literaturas na atualidade e defendem o uso de um nome mais contundente para nomear o fenômeno:

Com isso não se pretende mostrar que o fantasismo brasileiro seria uma literatura que copia moldes estrangeiros, com imitações aclimatadas. Ao contrário, nosso objetivo é apresentar uma literatura que sabe trabalhar suas referências, tanto nacionais como estrangeiras, em continuidade a toda uma tradição, brasileiríssima em essência, que remonta o romantismo e toda a nossa história literária subsequente, como exemplificado e detalhado ao longo destas páginas. Trata-se, pois, de uma literatura que teve tempo de amadurecer em um longo processo marcado por preconceito, descaso e despeito, mas que, ao fim e ao cabo, conseguiu conquistar seu lugar ao sol (p. 269).

A discussão proposta a respeito do *fantasismo* é bastante ousada, assim como calcada em evidências firmes. Aguarda-se que a crítica, em um futuro próximo, se interesse pelo debate e pela investigação dessas evidências para uma compreensão mais profunda dos fazeres literários no país.

O posfácio de Roberto Causo, «Uma questão literária para o século XXI»

encapa o final da análise com uma das frases mais pungentes do livro: «O principal produto da cultura brasileira é o esquecimento» (p. 270). A partir dessa constatação, Causo salienta e elogia o esforço dos dois autores em recolocar o *corpus* em análise fora do rótulo simplório de uma suposta subliteratura: «é preciso de um tipo especial de generosidade para contextualizar historicamente uma produção como a literatura especulativa, no contexto das letras brasileiras» (p. 271, grifos no original).

A obra apresenta ainda compêndios detalhistas. Há os «Divulgadores do fantástico», uma lista de portais, canais, *podcasts* e revistas, e as «Editoras nacionais do fantástico», informações muito úteis para quem gosta de ler, pesquisar ou mesmo acompanhar o meio literário dessas literaturas no Brasil.

A edição completa-se com 25 ilustrações feitas pelo artista Karl Felippe,

que termina por cunhar uma marca autoral à edição curitibana da Arte & Letra. Felippe realiza muitas das ilustrações com técnicas que aproximam as épocas tratadas nos capítulos — a ilustração para o livro *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, foi feita para lembrar litogravura de livro antigo, evocando o trabalho de Delacroix para o *Fausto* de Goethe; a ilustração para *Esfinge* de Coelho Neto foi feita para ser próxima à *art nouveau*, etc.

O livro certamente merecerá espaço em estantes e listas bibliográficas dado o ineditismo do enfoque, a extensão e qualidade da pesquisa e, por fim, pelo afeto que esta edição especial encerra em sua capa dura e suas duas guardas azuis.

ANA RÜSCHE
Universidade de São Paulo
anarusche@gmail.com

